

AUGUSTO LA FERE

AS 13
MANIFESTAÇÕES
DO AMOR



ARS VERBI

AS 13 MANIFESTAÇÕES DO AMOR

AUGUSTO LA FERE

AS 13 MANIFESTAÇÕES DO AMOR

Edição Digital

LAPA
ARS VERBI
2026

CRÉDITOS

As 13 Manifestações do Amor

© 2026 Augusto La Fere

Publicado por *Ars Verbi™*

Lapa, Paraná, Brasil

Edição Digital

ISBN: 978-65-988752-6-8

Esta obra está licenciada sob a Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0). Esta licença se aplica ao compartilhamento pela comunidade leitora. O autor mantém os direitos para a exploração comercial desta edição. Você pode compartilhar e adaptar esta obra, desde que:

- Atribua o crédito ao autor;
- Não a utilize para fins comerciais;
- Publique obras derivadas sob a mesma licença.

Para mais detalhes, visite:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

<https://arsverbi.com.br>

DEDICATÓRIA

A quem ficou
quando a lâmpada piscou.

Aos que sustentam
o que sobra.

Para você,
que não pediu prova.

Ao amor
que não se anuncia.

A quem aprendeu
a viver com a lasca.

Para os dias iguais,
e para o que neles insiste.

“O mar é grande e cabe na cama e no colchão de amar.
O amor é grande e cabe no breve espaço de beijar.”

— *Carlos Drummond de Andrade*



PRÓLOGO:

O DIA QUE SE INVENTA

metal batendo no metal
antes do corpo

o caminhão de lixo
faz a liturgia curta

e o pão
na esquina
sai quente
como se alguém tivesse pedido
sem acordar

ele abre os olhos no barulho
e o teto
parece neutro
mas o ouvido não

abre a janela

cheiro de chuva antiga
asfalto
flor esmagada
e uma coisa sem nome
entre limpo e sujo

por um segundo
o mundo está perto demais

a lâmpada pisca
como se tivesse lembrado
que existe

EROS I:
ENCONTRO

a feira ferve

fruta madura
poeira quente
caixas com letras apagadas
uma faca cantando no amolador

duas mãos ao mesmo tempo
um gesto que não combinou
e ainda assim coincidiu

as maçãs caem
rolam
entre pés e sacolas
fazem o tempo tropeçar

os ombros se tocam
o susto não é do toque
é do que o toque inaugura

riso
como reflexo

no pescoço dela
um colar gasto

nas mangas dele
pó de um trabalho que não termina

cada um segue
mas o cheiro de fruta
fica na mão
como se a mão tivesse memória

EROS II:
O QUARTO

quarto pequeno

a lâmpada vibra
um zumbido que não vira som

a parede tem manchas antigas
como se a casa guardasse
uma notícia

ele toca o ombro dela
como quem pede passagem

ela vira o rosto
e a hesitação
não recusa
não aceita

só mede

“devagar”

ele para
ri com nervos
ela ri também

o medo e o desejo
no mesmo fôlego
sem partilha
sem divisão

o toque aprende

não é posse

é procura
de um nome que não existe ainda

lá fora
um vendedor grita preço
a cidade segue
como se fosse indecente
e normal

na pia
a xícara lascada
não diz nada
e por isso diz

EROS III:
DEPOIS

cama amassada

o rádio esqueceu
uma música antiga

ela fala da infância
um balanço no quintal
um cachorro chamado Azul
uma queda que não virou cicatriz

ele ouve
sem entender as palavras
mas entende o tom

há algo entre riso e lembrança
que faz casa
sem endereço

na mesa
um bilhete antigo reaparece
entre coisas sem lugar

“compra maçãs”

o papel é leve
mas fica pesado
no bolso

a pausa não enche o mundo
só suspende

a lâmpada pisca de novo
como um aviso
que ninguém traduz

INTERLÚDIO I:
SOM DE MANHÃ

um ônibus dobra a esquina
os vidros brilham

uma colher cai
e o som
dura mais do que devia

um cachorro late
para nada

o vento traz
pão e gasolina

a vida recomeça
no mesmo tom

LUDUS I:

O JOGO

café pequeno
barulho de cadeira raspando
vapor soprando
música ruim insistindo

ela chega atrasada
ele finge impaciência

“achei que tinha desistido”
“achei que você não notaria”

o garçom erra o pedido

ela rouba o açúcar
da mesa ao lado
com rapidez infantil

ele vê
e não denuncia

riem

o riso aqui
mostra dentes
mas não morde

no fundo do copo
o café deixa um círculo
como uma assinatura

LUDUS II:
A TARDE DE CALOR

ruas queimam

o sol aperta
o asfalto devolve
como rancor

a sombra é objeto raro

ela reclama do calor

ele oferece o braço
por alguns metros
e retira
como quem devolve liberdade
antes que vire costume

compram água
dividem o último gole

a sede iguala

uma ponte

vento levantando o cabelo dela

desarrumando o colar gasto

ele pensa em dizer

não diz

a beleza às vezes

encosta na garganta

e deixa a boca sem função

LUDUS III:
DISCUSSÃO

bar com luz amarela demais
copos suando
a vitrola desafinando

ele faz uma piada fora de hora
ela desvia o olhar
deixa a frase morrer

“não era pra te ofender”
“então por que doeu”

a conversa tenta virar confissão
falha

o silêncio cresce
como mofo em parede úmida

quando saem
chove

ele tenta cobrir os dois
com o casaco

ela recusa

um não pequeno
o suficiente para ficar

andam sem combinar o ritmo

a chuva escreve
no corpo
a mesma frase
com duas caligrafias

INTERLÚDIO II:
A RUA DEPOIS DA CHUVA

asfalto refletindo luzes

pessoas passam com pressa

cheiro de terra molhada
doce e sujo

ela anda adiante
ele fica um passo atrás

a distância
marca
sem dramatizar

PHILIA I:
MANHÃ COMPARTILHADA

padaria cheira a manteiga e conversa

eles entram
sabem o que o outro vai pedir

não é dom
é repetição

ele pega o jornal

ela corrige
um erro no título
com o olhar

ele observa
e não corrige a correção

“você nunca muda”
“ainda bem”

riem
dividem o café

a xícara lascada volta

ele gira a xícara
contornando a lasca
como quem contorna um perigo mínimo

ela nota
e deixa

o hábito respira
sem virar sentença

PHILIA II:
A DOENÇA

a febre chega devagar

ela insiste que é nada
ele insiste em ficar

chá derramado
remédio esquecido
lenço frio demais

ele erra tudo

mesmo assim
ela dorme

no criado-mudo
um papel se oferece

o bilhete antigo
de novo

“compra maçãs”

ele dobra
guarda

mais tarde
as maçãs voltam com ele

na sacola
uma delas escurece
sem ninguém ver

o resto começa
sem anúncio

PHILIA III:
TARDE DE DOMINGO

parque

vento leve
som de pipas cortando o ar
crianças correndo
uma bola perdida

ela encosta no ombro dele

ele diz algo banal
“as nuvens são lentas hoje”

ela responde
“a gente também”

ficam ali
vendo o tempo andar devagar

a bola volta para a criança

o menino não agradece
só corre

o gesto vale mesmo assim

o mundo não retribui
e ainda assim
existe

INTERLÚDIO III:
A PONTE

o trem cruza o rio
barulho de ferro
coração antigo

um menino acena
ninguém responde

o menino continua

o gesto lançado
fica no ar
sem dono
sem retorno
sem prova

STORGE I:
A CASA VIVA

o portão range
as paredes respiram

há vida nos objetos

panelas lembram risos
fotos se reconhecem
mesmo quando ninguém olha

ela cozinha

ele tenta consertar o rádio
que nunca pega

o rádio abre e fecha
como boca doente

discutem sobre o tempero
não sobre o tempo

o tempo entra pelas frestas
e senta

na pia
a xícara lascada
permanece
como cicatriz útil

STORGE II:
O DESCANSO

tarde morna

o ferro esquenta
a roupa cheira a sabão

ela canta
sem letra inteira
só fragmentos

ele cochila no sofá

um mosquito passa
ela espanta com o pano
sem raiva

o gesto é pequeno
e por isso
quase tudo

a lâmpada pisca
como se cochilasse também

STORGE III:
TERRA MOLHADA

choveu de noite

o quintal amanhece úmido
formigas reconstroem caminhos
como ofício

ela planta alecrim

ele pergunta se dá sorte

“cheiro já basta”

ficam olhando o vaso

na sacola
a maçã esquecida escureceu

ela corta a parte ruim
aproveita o resto

ele vê
não comenta

o resto
muda de nome dentro do corpo
sem virar ideia

INTERLÚDIO IV:
A ESQUINA

bicicleta encostada
corrente frouxa
um brilho de óleo no dente do metal

o menino das balas
conta moedas
como quem conta tempo
sem saber

o cachorro dorme
língua de fora
sonhando com um lugar
onde ninguém o chama

uma migalha rola
pára no risco do chão
como se tivesse escolhido

a lâmpada do poste
pisca
pisca de novo

não ilumina melhor
mas insiste

e a esquina
fica
como se fosse
a casa do que passa

ÁGAPE I:
O CUIDADO

ela volta tarde do hospital

mãos cheirando a desinfetante
e ausência

esfrega os dedos
no caminho da pia
como se tentasse apagar
uma mancha antiga

não há mancha visível
e ainda assim
o gesto insiste

ele reacendeu o jantar
três vezes
como quem tenta
não deixar esfriar
uma coisa maior

ela chega
pousa a bolsa
senta devagar

respira
como se o peito fosse pedra

ele não pergunta

serve

a comida morna
não consola
mas fica

entre os dedos
um espaço enorme
que ninguém atravessa

por respeito ao cansaço

o rádio falha
sem motivo
como se também soubesse

ÁGAPE II:
A CHUVA

tempestade de repente

o telhado pinga
a água entra pelas frestas

bacias no chão

um balde no lugar errado
um balde no lugar certo
e ainda assim
entra

ela ri
no meio da confusão

ele ri também

o riso não é alegria
é sobrevivência

quando a chuva passa
o chão molhado espelha o rosto dos dois
deformado

ela diz
“devia ter cuidado melhor da casa”

ele não responde
logo

a resposta não cabe
na boca

fica no vapor
da chaleira
que cantou sozinha
e ninguém ouviu

ÁGAPE III:
VIGÍLIA

corredor de hospital

banco frio
café ruim
alto-falante anunciando atraso
com calma cruel

ele dorme sentado
acorda
dorme de novo

o corpo aprende vigiar
como animal

ela volta
quebrada

ele cobre os ombros dela
sem tocar na mão

gratitude seria barulho

no bolso dele
um recibo antigo
dobrado
dobra e desdobra
com o movimento

um papel sem valor
com insistência

INTERLÚDIO V:
O TERMINAL

vozes misturadas
cheiro de gasolina
luz branca

um casal se abraça
sem hora de partir

o alto-falante anuncia atrasos

um saco plástico atravessa o chão

ninguém recolhe

ele volta sozinho
para o canto

CARITAS I:
MÃOS VAZIAS

o dia começa antes da luz

fósforo estala

o frio das cerâmicas entra nos dedos

a chaleira canta
e a casa acorda
com o som

duas xícaras

a dela
e a dele

ritual antigo
sem proclamação

ela entra
olhos inchados de sono

senta
sem dizer palavra

ele coloca a xícara perto dela
sem encostar na mão

o gesto recua
e ainda assim sustenta

a lasca na borda
brilha
como uma estrela ruim

CARITAS II:
FERIMENTO

o machado escapa

o sangue é rápido
vermelho demais para a manhã

ela corre
segura a mão dele
com firmeza

cheiro de ferro
misturado ao sabão

“não é nada”
“sempre diz isso”

ela sopra o corte
passa o pano

o pano mancha

a mancha não sai por completo

mais tarde

vira pano de chão

o cuidado

desce de categoria

sem perder sentido

CARITAS III:

O CÃO

o cachorro velho dorme na varanda

treme quando sonha

rosna baixinho

para o vazio

ela observa

“devia deixá-lo ir”

ele responde

“ele ainda me reconhece”

o cão abre os olhos

um segundo

vê os dois

fecha de novo

no sofá
um pelo fica

ele guarda no bolso
por impulso

esquece

a semana dobra
sobre o pelo

um resto mínimo
que insiste
sem pedir nome

INTERLÚDIO VI:

A FEIRA

cheiro de fruta
gente gritando preços
sacos plásticos voando

ela segura a lista

ele se distrai
com o som das facas afiando

metal cantando
alto
feio
vivo

barulho sem tradução

PRAGMA I:

CASA NO TEMPO

paredes respiram mofo
a tinta se desfaz

ela fala em pintar
ele promete
nunca cumpre

cadeira range
lâmpada pisca
rádio falha

o pão continua na mesa

a casa insiste em funcionar mal

e essa insistência
vira método

não conserta
não destrói

mantém
no meio

PRAGMA II:
O ARMÁRIO

ela abre uma gaveta

cartas

retalhos

contas pagas

papel velho cheira a poeira e tempo

foto colada em foto

bilhete

“compra maçãs”

um recibo sem valor
assinado por um nome
que hoje dói pouco
e por isso dói diferente

ele observa da porta
“por que guardar isso tudo”

ela responde
“pra não repetir os erros”

a frase é defesa

por trás
há outra frase
sem texto

o armário fica aberto
e o ar do quarto muda

como se a gaveta respirasse

ela fecha devagar

o fechamento não fecha inteiro

PRAGMA III:
O DIA IGUAL

o rádio repete a previsão

pão
café
relógio

nada acontece

e ainda assim
uma coisa acontece
por baixo

ela pergunta o que ele vai fazer

“o que sempre fiz”

um sorriso aparece
e não confirma

cansaço com forma

na sacola

a maçã escura

continua escura

o resto

aprende a morar

no cotidiano

INTERLÚDIO VII:
O PÁSSARO NO FIO

vento balança o fio

o pássaro resiste

canta contra o trânsito

a canção não vence
também não perde

fica

MANIA I:

O ECO

madrugada

ele desperta
não sabe se foi sonho
ou lembrança

a casa está parada
mas o coração corre

anda descalço no corredor

o som do próprio passo
parece de outra pessoa

acha o perfume dela no lençol

fecha os olhos

vê um vulto de tempo passar
sem corpo

no bolso
o pelo do cão

ele não lembra de ter guardado

isso assusta mais
do que devia

MANIA II:
O CICLO

ela lava o mesmo prato duas vezes

“é mania”

espuma

brilho

reflexo

o corpo repete
antes de pensar

parece calma

é medo de parar

na terceira vez
a mão treme um pouco

ele observa
não interfere

cortar o ciclo
seria arrancar

a cadeira range
na sala
sem ninguém sentar

e o rangido
fica no ar
como um dedo

MANIA III:
A CONFISSÃO

fim de tarde

a casa silenciosa demais

ela pergunta

“você ainda pensa em mim quando não está
aqui”

ele sorri

não responde

depois diz

"quando estou longe
é você que pensa em mim"

ela chora

e ri

no mesmo instante

na mesa
uma maçã partida

metade escura

ela come a parte boa

ele come a parte ruim
sem perceber

depois percebe

e finge que não

o fingimento
vira mais uma camada
do que foi dito

INTERLÚDIO VIII:
O CORPO DEPOIS

noite cheira a ferro e sereno

o colchão ainda guarda calor

ela se levanta
abre a janela
deixa o vento entrar

o frio desperta
o frio acalma

a cidade continua
sem pedir licença

PHILAUTIA I:

O ESPELHO DE MANHÃ

vapor no vidro

o rosto surge turvo
como quem retorna de outra vida

ela passa os dedos
desenha um círculo

um olho aberto no espelho

conta rugas

lembra o dia
em que uma delas apareceu

sorri

não há vaidade

há reconhecimento

a própria sombra
sentada no rosto
como quem mora

PHILAUTIA II:
RUA DE TARDE

ele sai para caminhar

ruídos

moto

criança

vendedor

rádio

compra pão

espera o troco

um homem canta mal

alguém fecha uma janela

o mundo não o inclui

mas o mundo o cerca

no bolso

o recibo antigo dobra

o que não pertence
tem o peso do vento
e o cansaço do rosto

ele encosta a mão no papel
sem entender por quê
e segue

PHILAUTIA III:
FLORES NO CAMINHO

ela vê flores
num canteiro malcuidado

pega duas
leva pra casa

ele pergunta
“pra quê”

"pra lembrar
que ainda é bonito existir"

colocam as flores
num copo

a água turva com o tempo

o cheiro fica

a beleza dura
de modo imperfeito

como tudo que dura

INTERLÚDIO IX:
O VENTO NA PONTE

vento levanta poeira
e a poeira escolhe rosto

um jornal voa
abre e fecha
como um pássaro ruim
ensaiaando linguagem

o menino corre atrás
tropeça
não cai

ri no meio da perda
como se o riso
fosse corda

o jornal encosta no corrimão
por um segundo
como se cansasse

depois foge de novo

na mão do menino

fica só o gesto

fechado

como punho vazio

o vento passa por dentro

e não devolve

XENIA I:

PORTA ENTREABERTA

portão range
campainha toca
ninguém se apressa

um vizinho

pedido simples
açúcar
talvez companhia

vergonha pequena
no modo de pedir

café servido

histórias repetidas

riso nos lugares certos

não por falsidade
por cuidado

quando o homem vai embora
a casa parece maior

não porque aumentou
porque ficou vazia
do peso do pedido

XENIA II:
O CONVITE

menina parada à porta

sapatos sujos
olhar curioso

ela convida
serve água
pergunta o nome

a menina mostra um desenho

sol
duas figuras
uma casa

“sou eu”
“é todo mundo”

a frase não vira lição

fica como resto

o papel segura
um teto de lápis

XENIA III:
À MESA

ele cozinha demais

três pratos
duas cadeiras

uma ausência
com lugar

ela pergunta
“espera alguém”

“sempre”

comem devagar

o prato extra
fica no canto da mesa

ninguém comenta
ninguém retira

o excesso
vira parte do jantar

quando terminam
a comida ainda existe

e a existência do que sobra
é uma pergunta
sem texto

INTERLÚDIO X:
O FIO E OS PÁSSAROS

dez pardais no fio

vento balança
e o fio responde
com um estalo quase mudo
como dente rangendo

um carro buzina
perto demais

o som não passa
ele fica
como se grudasse no ar

um pardal se assusta
abre as asas antes do corpo decidir
e leva consigo
um pedaço do equilíbrio

o fio desce um pouco
não volta igual

os outros ajustam as patas
como quem aprende
a viver com a curvatura

o pardal retorna
mas pousa mais longe

e o espaço que sobra
entre um corpo e outro
fica
como destino

o vento passa
e o fio
guarda a marca
sem dizer

ANTEROS I:

O REENCONTRO

na feira

som de vozes
calor das bancas

ela o vê primeiro

o rosto envelheceu
mas o gesto é o mesmo
ajeitar a sacola
olhar ao redor
como quem procura saída

ela se aproxima

ele a reconhece

o espanto vira riso
com uma fresta de dor

conversam entre folhas e caixas

ele paga as frutas dela

ela toca o rosto dele
leve
sem pedir retorno

no bolso dele
o recibo antigo
se dobra sozinho

como se respondesse

ANTEROS II:
O REFLEXO

ela sonha

no sonho
não há diálogo

só o gesto
de entregar uma maçã

acorda

sente falta do peso nas mãos

ri sozinha

escreve o nome dele num papel
depois rasga

abre a janela

o ar entra
cheira a mercado
a fruta
a calor humano

o sonho dissolve
o cheiro fica

sem decisão

ANTEROS III:

O ENCONTRO TARDIO

numa esquina
ele acha uma carteira caída

dentro
um recibo
assinado com o sobrenome dela

ele sorri

guarda o papel no bolso

não liga
não procura
não devolve

não por maldade

por entender
que devolver
reabria uma porta
que o tempo fechou
por necessidade

o papel fica com ele
sem função

e por isso
útil

um resto que não exige
conclusão

INTERLÚDIO XI:

A PRAÇA

noite clara

velhos jogam cartas
crianças gritam nomes

um músico toca desafinado

uma luz de poste falha
pisca
volta

a mesma lâmpada do corredor
ou a mente reconhecendo padrão

vozes costuradas
sem discurso

AMOR FATI I:

TARDE DE INVERNO

sol entra raso
dourado e frio

ela costura um botão

ele afia a faca

ambos concentrados
no inútil

como se o inútil
fosse a parte mais verdadeira

silêncio longo

não pesa

existe

na mesa

o pão

na pia

a xícara lascada

no rádio

a falha

e do lado de fora

um fio no vento

com sua curva nova

segurando pássaros

como quem segura

o que pode

AMOR FATI II:
DESCANSO

à noite ela pergunta
“você tem medo de morrer”

ele demora

“tenho medo
de não ter tempo
pra te ouvir mais uma vez”

o riso aparece
e não elimina
só torna habitável

ele encosta a cabeça no ombro dela

o ombro é lugar antigo

mais antigo
do que qualquer frase

INTERLÚDIO XII:
O MAR NAS TELAS

na televisão
o mar repete ondas

som quase real

por isso irrita

a casa não tem sal
só poeira
só pão

“devia ser perto
pra gente ir ver”

ele olha sem responder

a onda continua igual

o corpo não

EROS TRANSCENDENTAL:
O QUE RESTA DO FOGO

madrugada clara demais

nem noite
nem dia

um intervalo

a casa dorme

ele levanta

a madeira range

o som atravessa a casa
como assinatura

na cozinha
a chaleira esquecida

um resto de água
um resto de ontem

ele acende o fogo

a chama acende rápido
como se esperasse

o vapor sobe

a água derrama um pouco
apaga o fogo

ele limpa com o pano

o pano manchado
lembra o fermento antigo
sem dizer

ela acorda
vem com o sono nos dedos

“o que foi”

“o café”

“agora”

“é sempre agora”

ela bebe o primeiro gole
fecha os olhos

por um instante
o mundo inteiro
reduz-se
à respiração dela

o instante não explica

o instante
só é

EPÍLOGO:

O DIA VOLTA

portão range

café ferve

um vendedor passa

um pássaro pousa no fio

a lâmpada pisca
e volta

o rádio falha
e volta

tudo igual
tudo novo

a casa
com seus defeitos

o corpo
com suas sobras

o mundo
com seu barulho

e uma coisa
sem tese
sem anúncio

respirando

NOTA BIOGRÁFICA

Augusto La Fere (Lapa, Paraná, 1973) é autor e ensaísta. Sua escrita transita entre filosofia, memória e metáfora da paisagem, explorando a tensão entre silêncio e palavra. Fundador do selo *Ars Verbi™*, dedica-se à publicação artesanal e digital de obras sob licenças livres.

Entre suas publicações destacam-se *“Cinco Formas”*, *“Diálogos”*, *“Buscando a Borges”*, *“Ashes of Bronze”* e *“O Livro dos Restos”*. Vive e trabalha no Paraná, atuando também em iniciativas culturais voltadas à difusão da literatura livre.

COLOFÃO

eb garamond, georg duffner (open source)
garamont, granjon, egenolff berner 1592 (conrad berner)
sil open font license 1.1

fev 2026, lapa paraná brasil, *ars veri*TM

treze nomes
um só pulso
em vigília

